

# Comandante descarta imperícia

**ROVÊNIA AMORIM**

O rompimento simultâneo das três cordas distintas em que estavam suspensos os policiais militares Laércio Pereira de Almeida, Marcelo Roberto Assis Rocha e Ricardo Everton Kugler intriga o major Luís Henrique Fonseca, comandante da operação de treinamento de rappel, e que estava no helicóptero da Polícia Federal no momento da queda. “Não há registro no mundo de acidente dessa natureza”, afirma.

O major descarta, contudo, a hipótese de a corda ter sofrido fusão por uma eventual descida muito rápida dos três PMs, o que teria causado superaquecimento do freio-oito (peça de metal por onde passa a corda) e a consequente abrasão dos fios de náilon. “Eles desceram lentamente e estavam içados há uns dez minutos quando caíram de uma altura de 25 metros”, explica Fonseca, que também elimina a tese de o rompimento ter sido causado por uma manobra brusca da aeronave.

“Eles ficaram o tempo todo na posição vertical em relação ao helicóptero

que estava a uma velocidade aproximada de 30 nós (50 quilômetros por hora)”, explica o major. Segundo ele, dois observadores da Polícia Federal estavam na aeronave justamente para checar posições de riscos e situações adversas ao treinamento, como a velocidade do vento. “Na última vez que olhei para os homens, dois estavam com as mãos dadas, que é um procedimento normal, até para evitar giros no ar”, conta.

**A queda** - Instantes depois, assinala ele, um dos observadores anunciou que um dos homens teria caído. “Provavelmente o Marcelo pelo local em que o corpo foi encontrado”, acredita Fonseca. Segundos depois, acrescenta, veio a frase: “Fonseca, caiu todo mundo”. “Você não acredita num primeiro momento que aquilo aconteceu”, desabafa o Major que, por pouco, não se tornou a quarta vítima da tragédia, ocorrido sexta-feira, na Candangolândia.

O quarto homem que integraria a equipe era o soldado Canuto, do Pelotão de Operações Especiais. “Ele

não apareceu no hangar porque foi designado para outra missão. Eu só não o substituí porque não estava vestido com roupa adequada”. Segundo o major, outros dois PMs que se apresentaram como voluntários foram recusados por não serem especializados na técnica de rappel.

**Imperícia** - Segundo o major, a queda não ocorreu por imperícia dos PMs ou por falha na inspeção do equipamento. Os três tinham, assegura, o curso de operações especiais da Polícia Militar e experiência na técnica de rappel. O equipamento, que também pertence à Polícia Federal, foi checado antes da decolagem do helicóptero e pelo visual externo estava em condições de ser usado.

“Eram cordas novas, com cinco meses de uso, de 11,5 milímetros de espessura, fabricadas na França e que suportam até 3,2 mil quilos”, detalha. O major conta que era amigo dos três soldados mortos. “O nosso lazer era descer cachoeiras. É duro ver que, de repente, esses amigos se vão por um motivo que não se entende”.